

‘Picado de bexigas’: o aspecto social da varíola no Rio de Janeiro oitocentista

‘Pox Scars’: The Social Aspect of Smallpox in Nineteenth-Century Rio de Janeiro

<https://doi.org/10.26512/rhh.v13i27.54776>

Poliana Orosa

PPGH/UNIRIO

<https://orcid.org/0009-0002-7607-9643>

poliana.orosar@gmail.com

Resumo

Este artigo examina o impacto da varíola na sociedade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1820 e 1880. Utilizando anúncios veiculados em diversos jornais da época, o estudo revela como essa doença afetava profundamente a vida cotidiana, especialmente no contexto da escravidão. Os anúncios documentam casos de escravizados marcados pela varíola, fugas de escravos não contaminados e até mesmo a comercialização de escravos que escapavam da doença. A varíola era uma preocupação constante na cidade, como evidenciado pela busca por vacinação e pela atenção dedicada aos casos de contaminação. Além disso, o artigo destaca as mudanças no sistema de vacinação ao longo das décadas estudadas. A análise dos anúncios revela não apenas o impacto da varíola na saúde, mas também sua influência sobre o comércio de escravos e a dinâmica social da época.

Palavras-chave

História do Rio de Janeiro; escravidão; varíola

Abstract

This article examines the impact of smallpox on Rio de Janeiro society between the 1820s and 1880s. Using advertisements from various newspapers of the time, the study reveals how this disease profoundly affected everyday life, especially in the context of slavery. The advertisements document cases of slaves affected by smallpox, escapes of uncontaminated slaves and even the sale of slaves who escaped the disease. Smallpox was a constant concern in the city, as evidenced by the search for vaccination and the attention paid to cases of contamination. The article also highlights the changes in the vaccination system over the decades studied. The analysis of the advertisements reveals not only the impact of smallpox on health, but also its influence on the slave trade and the social dynamics of the time.

Keywords

History of Rio de Janeiro; slavery; smallpox

Introdução

A varíola fez-se presente no Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro, bem antes do oitocentos. No que se refere à era colonial, pesquisas como as de Ernesto de Souza Campos¹ e Lourival Ribeiro² investigam a presença da doença e suas consequências demográficas. Dauril Alden e Joseph Miller³ analisam a varíola no contexto da escravidão atlântica, enquanto Cristina Gurgel⁴ e Ana Carolina Viotti⁵ discutem suas implicações para a saúde pública da época. Mais recentemente, André Anzolin⁶ e Poliana Orosa⁷ revisitaram o tema, trazendo novas perspectivas sobre a propagação e o combate à doença no Brasil colonial. No que diz respeito ao século XIX, Sidney Chalhoub⁸ examina a relação entre a varíola e as políticas de saúde no Rio de Janeiro imperial. Tania Maria Fernandes⁹ e Anny Jackeline Silveira¹⁰ exploram as medidas sanitárias adotadas para conter os surtos

¹ Ernesto de Souza Campos, “Considerações sobre a ocorrência da varíola e vacina no Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX: vistas sobre a luz de documentação coeva,” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 231 (abril-junho 1956).

² Lourival Ribeiro, *Medicina no Brasil colonial* (Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1971)

³ Dauril Alden e Joseph Miller, “Out of Africa: The Slave Trade and the Transmission of Smallpox to Brazil,” *Journal of Interdisciplinary History* 18, no. 2 (1987): 195–224.

⁴ Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel, *Doenças e Curas. O Brasil nos Primeiros Séculos* (São Paulo: Editora Contexto, 2010).

⁵ Ana Carolina de Carvalho Viotti, *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca, 2012).

⁶ André Soares Anzolin, “Entre mortes e lembranças: Notas sobre as reações dos Tupi à pandemia de varíola de 1562-64,” *Revista Latino-Americana de História* 3 (2015): 21-36.; André Soares Anzolin, “As doenças como exempla: epidemias e mortes nas cartas do jesuíta José de Anchieta,” *Cadernos de História* 17, no. 27 (30 outubro 2016): 274–88.

⁷ P. R. Orosa, *Caminhos da cura: epidemias de varíola na América Portuguesa (1560-1750)* (Jundiaí, São Paulo: Paco, 2024).

⁸ Sidney Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 2ª ed. (São Paulo: Companhia das Letras, 2017).

⁹ Tania Maria Fernandes, *Vacina Antivariolítica: Ciência, Técnica e o Poder dos Homens, 1808-1920*, 2ª ed. rev. (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010).; Tania Maria Fernandes, “Imunização antivariolítica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação,” *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 10, supl. 2 (2003): 461–474.

¹⁰ Anny Jackeline Torres Silveira, “A varíola no Brasil do século XIX,” in *Uma história brasileira das doenças: Volume 4*, organizado por Franco Pimentel, Dilene Raimundo do Nascimento e Ethel Leonor Noia Maciel, 51–68 (Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013).

da doença. Tania Salgado Pimenta, Keith Barbosa e Kaori Kodama¹¹, por sua vez, investigam a varíola no contexto das epidemias urbanas, enquanto Filipe Portugal¹² analisa suas repercussões sociais e políticas. Cristina Brandt Martin, Camila Pereira da Rosa e Taise Fernandes Camercini¹³ abordam a relação entre a varíola e as condições de vida da população carioca, e Cláudio de Paula Honorato¹⁴ discute a resposta médica e institucional à doença ao longo do século XIX.

A varíola era uma doença viral transmissível que foi trazida ao Brasil pela colonização.¹⁵ Pertencente à família do vírus *Poxvirus Variolae*, se dividia em duas principais cepas: a *variola major*, virulenta e mortal, e a *variola minor*, com manifestações brandas da doença¹⁶. O contágio ocorria por meio da troca de fluidos ou secreções respiratórias e por objetos contaminados, já que o vírus tinha relativa resistência ao ambiente.¹⁷ O período de incubação da doença durava entre 12 e 14 dias e os primeiros sintomas podiam incluir: febre, desconforto, vômito, dor nas costas e dor de cabeça.¹⁸ A doença, hoje eradicada, tinha como principal característica erupções cutâneas que se espalhavam pelo corpo. Essas feridas geralmente se espalhavam da mucosa oral,

¹¹ Tânia Salgado Pimenta, Keith Barbosa e Kaori Kodama, “A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia,” *Dimensões* 34 (2015): 145–183.

¹² Filipe dos Santos Portugal, “A vacina antivariólica na Corte do Rio de Janeiro (1804–1820),” in *15^o Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, trabalhos completos* (Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Florianópolis, 2016).

¹³ Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel, Camila Andrade Pereira da Rosa e Taise Fernandes Camercini, “História da medicina: A Varíola nos tempos de Dom Pedro II,” *Cadernos de História da Ciência* 7, no. 1 (maio 2019): 55–69.

¹⁴ Cláudio de Paula Honorato, *Valongo: O Mercado de Almas da Praça Carioca*, 1^a ed. (Curitiba: Appris, 2019).

¹⁵ Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza, Adauto J. G. Araujo e Luiz Fernando Ferreira, “Paleopatologia e Paleoepidemiologia: O Estudo da Doença em Populações Pré-Históricas Brasileiras,” in *Saúde e Povos Indígenas*, organizado por R. V. Santos e C.E.A. Coimbra Jr., 28–29 (Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994).

¹⁶ Alfred W. Crosby, “Smallpox,” in *The Cambridge World History of Human Disease*, ed. Kenneth F. Kiple (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), 1008.

¹⁷ Silveira, “A varíola no Brasil do século XIX,” 52.

¹⁸ Frank M. Snowden, *Epidemics and Society: From the Black Death to the Present* (United States of America: Yale University Press, 2019), 115–116.

rosto até as extremidades do corpo. Por conta delas, o doente podia apresentar dificuldade ao engolir, lesões na língua e no céu da boca.¹⁹ Quem sobrevivia à doença, tinha imunidade vitalícia²⁰, mas ainda assim a varíola podia gerar desfiguração e perda da visão.²¹

A moléstia e os esforços para controlá-la ao longo dos anos, culminaram no desenvolvimento da primeira vacina. Desenvolvida por Edward Jenner no final do século XVIII, o imunizante consistia na introdução do *cowpox* (varíola bovina), no paciente, gerando assim a imunidade contra a varíola humana (*smallpox*).²² A partir da descoberta de Jenner, a vacina foi pouco a pouco sendo difundida na Europa e pelos territórios coloniais, como veremos adiante.

A vacinação antivariólica no Rio de Janeiro

A propagação do pus vacínico no Brasil ocorreu através do marquês de Barbacena e outros comerciantes da Bahia. Em 1804, sete cativos foram enviados à Europa. O objetivo era que eles fossem inoculados pelo método 'braço a braço'. Depois, eles voltariam ao Brasil carregando o pus vacínico em si. Este seria utilizado posteriormente em outras pessoas, continuando a vacinação.²³ A necessidade da importação do material vacinal para o Brasil residia no fato de o *cowpox* não ser encontrado em animais locais, o que fez com que a linfa fosse importada durante um período considerável.²⁴

A vacina desembarcou no Brasil em 1805, chegando também em solo carioca, através do mesmo método, braço a braço, que foi operado de Lisboa até a Bahia. Antes mesmo da chegada da família real ao Brasil, a vacinação no Rio

¹⁹ Hermann G. Schatzmayr, "A varíola, uma antiga inimiga," *Cadernos de Saúde Pública* 17, n. 6 (dezembro de 2001): 1527.

²⁰ Yu Li et al., "On the Origin of Smallpox: Correlating Variola Phylogenics with Historical Smallpox Records," *Proceedings of the National Academy of Sciences* 104, no. 40 (October 2, 2007): 15787.

²¹ Snowden, *Epidemics and Society*, 119-120.

²² Orosa, *Caminhos da cura*, 34-37.

²³ Gurgel, Rosa e Camerini, "História da medicina," 58-59.

²⁴ Ernesto de Souza Campos, "Considerações sobre a ocorrência da varíola e vacina no Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX: vistas sobre a luz de documentação coeva," *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 231 (abril-junho 1956): 52.

de Janeiro passou a ocorrer às quintas-feiras e domingos no Palácio do Governo. O serviço de vacinação e a conservação da linfa ficaram a cargo do médico Hercules Octaviano Muzzi.²⁵ A adesão inicial da vacinação teria sido positiva, ela é associada principalmente à atitude favorável de Dom João VI, que vacinou seus filhos e ordenou a tradução e publicação da obra de Edward Jenner em Portugal. Numa cultura política absolutista, isso teria tido impacto na vacinação antivariólica.²⁶

Com isso, a vacinação se estendeu para a Casa da Câmara, onde permaneceu de 1804 até 1818.²⁷ Com a chegada da família real ao Brasil, foi fundada a Junta Vacínica da Corte²⁸. A partir de sua criação, Muzzi passou a operar com uma equipe que contava com três vacinadores, sob o comando do médico português, o Dr. Theodoro Ferreira de Aguiar.²⁹ Apesar da adesão inicial à vacinação que ocorria dentro do Palácio do Governo, a criação da Junta produziu certo direcionamento para a vacinação de cativos. Isso se deu, pois a varíola era vista como um problema derivado do tráfico de escravizados.³⁰ A vacina era gratuita e aplicada anualmente, bastando que se levassem os cativos aos postos vacínicos.³¹ Apesar disso, o relato do viajante G. W. Freyre mostra que não havia interesse por parte dos traficantes em vaciná-los:

As doenças destes recémchegados são numerosas e parecem estar em relação com as fadigas e misérias que soffferam e de que são consequencias. Muitos morrem de febres infecciosas, desyntheria, escorbuto, nostalgia etc., antes de chegarem ao novo senhor, mas tambem muitas vezes logo depois. A variola victima tambem annualmente uma grande porção destes infelizes, não obstante, porém, ser vaccinados gratuitamente, para o que o governo mantém postos vaccinicos em muitos logares. A indifferença, porém, dos traficantes pela vida dos escravos é tão grande que não se utilizam destes postos uteis e até aquelles que conduzem os escravos para o interior saem da capital sem

²⁵ Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 124.

²⁶ Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 124-125.

²⁷ Honorato, *Valongo*, 132.

²⁸ Criada em 1811, a Junta Vacínica da Corte tinha como objetivo propagar a vacina antivariólica no Brasil. Ver: Mapa - Arquivo Nacional, "Junta da Instituição Vacínica da Corte," 11 de novembro de 2016, <https://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/354-junta-da-instituicao-vacnica-da-corte-1822-1889> (acessado em 15 de abril de 2024).

²⁹ Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 125-126.

³⁰ Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 128.

³¹ Honorato, *Valongo*, 132.

terem vacinado um só preto. Não se póde negar, todavia, que a maior parte succumbe por falta de cuidados e bens médicos.³²

De acordo com o físico-mor do reino, Manoel Vieira da Silva, a recusa dos traficantes em vacinar os cativos estava ligada justamente ao processo de vacinação. Eles impediam que os escravizados fossem vacinados antes de serem postos à venda, devido à demora no ato da vacinação e ainda pelas despesas do curativo. Uma vez comercializados, os próprios proprietários não demonstravam qualquer interesse em vaciná-los. Somava-se a esta questão uma reclamação que, de acordo com o físico-mor, se faria recorrente nas décadas seguintes: a de que não havia quem soubesse aplicar a vacina.³³

Mas o que dizem os dados produzidos sobre a vacinação neste período? Uma tabela publicada na *Gazeta do Rio de Janeiro* em 22 de julho de 1820 apresenta o número de vacinados de 1 de julho de 1811 até 1819. Os dados apresentados pelo periódico indicam que o número de pessoas negras vacinadas era, quase todos os anos, o triplo em relação às pessoas brancas vacinadas. De 1811 até 1819, foram vacinadas 17.529 pessoas, das quais 10.902 estão relacionadas como pretos, 4.198 como brancos, 2.130 como pardos e 29 como indígenas. A tabela também destaca uma coluna importante: a dos que “não comparecerão”. Possivelmente, isso se refere aos que não voltaram ao serviço de vacinação para retirada da linfa.³⁴ O informativo publicado no jornal, no entanto, diz respeito apenas aos vacinados na Casa da Câmara. De acordo com Sidney Chalhoub, é possível que a parcela mais abastada da população estivesse sendo vacinada em suas próprias casas por médicos particulares.³⁵ Mesmo assim, a tabela ajuda a entender o perfil de vacinados nas primeiras duas décadas do século XIX. Apesar dos números que chegavam aos milhares, sendo apresentados pela Junta, eles eram pequenos perto das quase cem mil pessoas que chegaram a habitar a cidade durante o período Joanino³⁶, mesmo quando levado em consideração que a parcela mais abastada da população estava sendo vacinada em suas casas.

³²George W. Freireyss, "Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815," *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de São Paulo*, Volume XI (São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1907), 224.

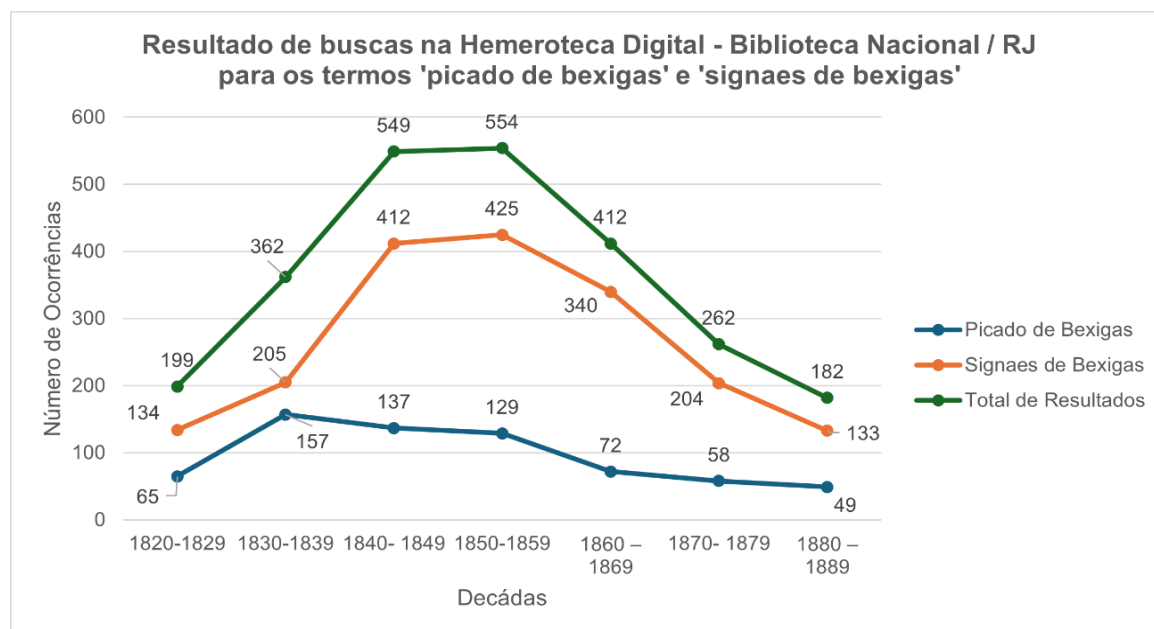
³³Honorato, *Valongo*, 132-133.

³⁴*Gazeta do Rio de Janeiro*, 22 de julho de 1820, p. 3, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

³⁵Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 128.

³⁶Portugal, "A vacina antivariólica na Corte do Rio de Janeiro," 15.

Apesar da vacinação, surtos continuaram a ocorrer, suscitando diversos debates sobre a ocorrência da enfermidade e a vacinação na cidade. Os escravizados eram constantemente relacionados à doença, o que acarretou diversas medidas portuárias a fim de conter o potencial avanço da varíola, além de um direcionamento a eles como grupo mais atingido.³⁷ Em trabalho passado, dediquei meus esforços a questionar a origem dessas afirmações e acabei sendo confrontada com outro tipo de documentação. Ao analisar a incidência de passagens com o termo 'varíola' ou 'bexigas'³⁸ na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, percebi que a quantidade de anúncios que indicam escravizados marcados é expressiva. Para se ter ideia, ao se utilizar a ferramenta de busca da Hemeroteca Digital, restringindo os resultados para periódicos cariocas entre a década de 1820-1880, temos o seguinte resultado:



Fonte: Biblioteca Nacional – RJ, Hemeroteca Digital.

³⁷ P. R. Orosa, *As rotas da varíola: perspectivas sociais da disseminação da varíola e do serviço de vacinação no Rio de Janeiro imperial (1830-1880)* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020), 36.

³⁸ Nome comumente utilizado para se referir à varíola no período. De acordo com dicionário publicado em 1789, o termo bexiga se referia a uma "espécie de empola que se ergue sobre a cutis, cheia de um humor acre, e corrosivo, em geral se usa no plural v.g., teve bexigas.". Ver: Antônio de Moraes Silva e Rafael Bluteau, *Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* (Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789), 180.

Os jornais com maiores números de ocorrências para ambos os termos pesquisados são o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*. A partir da construção do gráfico, é possível tecer algumas hipóteses para tamanha quantidade de anúncios relacionados. A primeira é que a varíola estava difundida no Rio de Janeiro, pois os jornais mostram uma quantidade expressiva de indivíduos com cicatrizes da doença. Também poderíamos supor que alguns desses escravizados não foram necessariamente contaminados no Rio de Janeiro. A contaminação poderia ter origem em seu continente natal, já que a doença era endêmica em várias partes da África.³⁹ Entretanto, vale ressaltar que a enfermidade podia ser relativamente grave, especialmente em adultos e no caso de infecções secundárias causadas pela varíola.⁴⁰ Além disso, outras fontes, como as relativas à vacinação e à obra de José Pereira Rego intitulada *Esboço histórico das epidemias que têm grassado na cidade do Rio de Janeiro desde 1830 até 1870*, nos permitem atestar a intensa presença das bexigas no Rio de Janeiro oitocentista.

Foi possível perceber um alto índice de notícias relacionadas à venda de escravos entre as décadas de 1820 e 1880. Desta maneira, foram selecionados para essa amostragem, dentro do recorte temporal estabelecido, os seguintes periódicos: *Correio Mercantil*, *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Diário do Brasil* e *Diário Mercantil*, *O Volantim*, e o *Jornal do Commercio*. Todos esses em circulação no Rio de Janeiro. Antes de analisar propriamente os anúncios, cabe aqui contextualizar a circulação desses jornais. Tomaremos de exemplo *A Gazeta do Rio de Janeiro*, que teria sido o primeiro jornal a ser impresso no Brasil, tendo circulado a partir de 1808. É considerado um periódico de duradoura circulação, já que foi publicado até o ano de 1822.⁴¹ De acordo com Maria de Fátima Gomes, “os anúncios e avisos ocupavam uma parte importante da *Gazeta*”.⁴² Para Juliana Meirelles,

a seção “Avisos” foi marcada pela maciça participação dos leitores que a utilizaram como um meio privilegiado de expressão, no sentido de pulverizar

³⁹ Orosa, *Caminhos da cura*, 37-38.

⁴⁰ Snowden, *Epidemics and Society*, 117-118.

⁴¹ Maria de Fátima Cardoso Gomes, *Vende-se, aluga-se, negocia-se: uma análise dos anúncios e avisos da gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821)* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019), 30.

⁴² Gomes, *Vende-se, aluga-se, negocia-se*, 37.

pela imprensa as múltiplas necessidades da vida cotidiana como, por exemplo, a compra e venda de imóveis, anúncio de escravos fugidos, chegada de mercadorias, busca por profissionais especializados, oferecimentos de serviços etc. Esses “usos da imprensa” pela sociedade delineavam o constante interesse e atenção do público leitor na relação com o jornal sobretudo no que reverenciava a relação existente entre imprensa e sociedade.⁴³

O que evidencia a escravidão como uma temática muito recorrente do cotidiano desses indivíduos. Ainda para a autora, os anúncios relativos aos escravizados se referiam a três aspectos principais: venda, fuga e ao oferecimento de atividades específicas, muitas vezes relacionadas aos escravos urbanizados.⁴⁴ Podemos observar de maneira geral, que os anúncios são fontes primárias relevantes que podem oferecer descrições sobre a vida dos cativos.⁴⁵ O que se pretende aqui é analisar como esses anúncios podem evidenciar a presença da varíola no Rio de Janeiro, mas também como a doença pode ter impactado a lógica escravista.

Charles Rosenberg argumentou que as doenças atingiam muito mais do que os corpos, comportando-se como um agente social.⁴⁶ No passado, na Europa, as marcas deixadas pela varíola, resultantes de sequelas da doença, impactavam o mercado de casamentos e causavam danos psicossociais. Isso porque as pústulas, tão características da contaminação por varíola, eram, em muitos casos, agravadas por determinadas medicações utilizadas pela prática médica do período, como o uso do mercúrio. Outro ponto complicador eram as infecções secundárias, que acabavam por deixar as feridas mais profundas e mais difíceis de serem removidas.⁴⁷ No Rio de Janeiro, a presença constante de escravizados contaminados e posteriormente marcados parece ter ocasionado outro tipo de impacto. Vejamos agora os anúncios publicados na *Gazeta do Rio de Janeiro*:

⁴³ Juliana Gesuelli Meirelles, *A “Gazeta do Rio de Janeiro” e o impacto na circulação de idéias no Império luso-brasileiro (1808-1821)* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2006), 72.

⁴⁴ Meirelles, *A “Gazeta do Rio de Janeiro” e o impacto na circulação de idéias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*, 136.

⁴⁵ Heloisa Souza Ferreira, “Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849-1888),” *Temporalidades* 2 (2010): 68.

⁴⁶ Charles Rosenberg, “Framing Disease: Illness, Society and History,” in *Explaining Epidemics and Other Studies in the History of Medicine* (Cambridge: Cambridge University Press, 1992), 305-306.

⁴⁷ Snowden, *Epidemics and Society*, 117-118.

Fugio ao Coronel Caetano José de Almeida e Silva hum preto por nome Crispim, cozinheiro, de nação Benguela, baixo, e gordo, **com sinais de bexigas no rosto**, e seis dedos em cada pé, e nas mãos sinal de que teve mais hum dedo. Quem delle tiver noticia, participará na rua da Alfandega nº 5.⁴⁸

Fugio na Sexta Feira 27 do corrente hum Negro, de idade, pouco mais ou menos, de 15 annos, baixo e gordo, **tem sinais de bexigas**, hia vestido com calças azues, jaqueta de ganga desbotada, camisa branca; quem delle tiver alguma noticia o poderá entregar na casa nº 86 na rua do Cano, e receberá boas alviças.⁴⁹

Os anúncios destacam o uso das marcas deixadas pela moléstia como um identificador para escravizados fugitivos. A publicação de recortes como esse não se resumiu à *Gazeta do Rio de Janeiro* e se fazia presente em vários periódicos:

No dia 26 de novembro de 1821 fugio hum preto de nome Antonio de Nação Angolla levando vestido calças de Brim e Camiza de riscado azul de idade de 16 anos. Rosto redondo com huma pepuena marca na Testa e **alguns sinais de bexigas**; quem dele souber ou tiver noticia quera entregallo na rua Direta Nº 32, lado direito indo para o largo do Paço, onde se lhe recompensará o seu trabalho.⁵⁰

Fugio na Sexta Feira 27 do corrente hum Negro, de idade, pouco mais ou menos, de 15 annos, baixo e gordo, **tem sinais de bexigas**, hia vestido com

⁴⁸ *Gazeta do Rio de Janeiro*, nº73, 9 de setembro de 1812, p. 4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁴⁹ *Gazeta do Rio de Janeiro*, nº9, 29 de janeiro de 1820, p. 4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁵⁰ *Diário do Rio de Janeiro*, 7 de janeiro de 1822, p.4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

calças azues, jaqueta de ganga desbotada, camisa branca; quem delle tiver alguma noticia o poderá entregar na casa nº 86 na rua do Cano, e receberá boas alviças.⁵¹

Fugio de casa de seu Sr., no dia 15 do corrente mez hum Negro por nome Antonio Nação Congo, estatura menos que ordinaria, cheio de corpo, rosto largo e carregado, e com **signaes de bexigas**, tem hum dos dedos do pé esquerdo cortado, vestido com ceroulas, e camisa de algodão e costuma vender quitanda de gaiolas com passarinhos; quem delle souber, e o queira entregar a seu Sr. procure na rua de S. Francisco da Prainha, em casa de Placido dos Santos Pereira, que do mesmo receberá alviças.⁵²

No dia 24 de fevereiro findo, desapareceu da casa n. 53 na rua da Candelaria hum moleque com marca AB. **no braço direito com signaes de bexigas (pelas ter tido a pouco tempo)** por nome João, de idade de 9 annos pouco mais ou menos, quem do mesmo souber queira participar, na dita casa acima ou na rua do Sabão n. 26 que será recompensado.⁵³

Evidencia-se assim que os sinais ou marcas pela doença foram utilizados, assim como as características físicas, como meio de distinguir esses cativos e assim encontrá-los com maior facilidade. Para além disso, os recortes dos jornais apontam a expressiva incidência de pessoas desfiguradas pela doença na cidade, demonstrando que ela poderia ser consideravelmente alta. Dentro da lógica da sociedade escravista do Rio de Janeiro, os sinais, onde estavam localizados, tornam-se então marcadores sociais. Uma forma de caracterizar e diferenciar escravizados fugidos. Nota-se nos textos que a distinção e o local das cicatrizes poderiam ser determinantes para localizar esses indivíduos.

Mas não é só pelas cicatrizes deixadas que a varíola se fez evidente nos periódicos cariocas. Havia ainda outros tipos de publicação. Alguns anúncios de escravizados fugitivos passaram a conter um novo elemento de identificação: a marca da vacinação. No período a que nos referimos, a vacina antivariólica

⁵¹ O *Volantim*, nº 22, 30 de setembro de 1822, p. 4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁵² *Diario Mercantil*, vol 3, 2 de dezembro de 1824, p.1, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁵³ *Jornal do Commercio*, nº 126, 3 de março de 1828, p. 4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

era aplicada da seguinte forma: o pus antivariólico era inserido no braço do indivíduo e um curativo era aplicado, o vacinado permanecia carregando o pus em si por alguns dias para induzir a ‘pega’ da vacina. Ou seja, o desenvolvimento da varíola bovina que garantia a imunidade para a varíola humana.⁵⁴ O vacinado devia então retornar ao local de vacinação, para que o pus fosse retirado e pudesse ser possível dar continuidade ao processo vacinal. A necessidade do retorno do vacinado era imprescindível para a continuação do processo vacinal, o não-retorno dessas pessoas foi motivo de problemas nesse período, já que impedia a continuidade da vacinação.⁵⁵ O fato é que, assim como as cicatrizes foram utilizadas como uma maneira de identificar esses cativos, a vacina também passou a ser:

Huma criolinha com altura de 6 palmos, o rosto comprido, nariz xato, **com signaes de vacina em ambos os braços**, muito pretinha, por nome Luzia, sem camisa, com hum vestido de riscado azul esbranquiçado de xadrez, o corpinho de riscadinho azul escuro tambem xadrez, quem a tiver leve-a na rua do Conde passando a casa de Paulo Fernandes para sima n. 159, e se lhe dará o premio.⁵⁶

Ainda foi possível encontrar alguns anúncios que mencionavam escravizados que haviam fugido com o enxerto da linfa antivariólica em si.

Na noute do dia 24 de Julho de 1824, das 8 para as 9 horas, há disconfiança ter sido desencaminhada por pessoa conhecida, huma negrinha, de Nação Caçanje, por nome Maria, meia fulla, de 11, 12 annos de idade pouco mais ou menos, rosto redondo, **com dous sinaes de enxerto de bexigas em cada braço**, bem feita de corpo, cabellos meios avermelhados, olhos pequenos, com a marca no peito esquerdo VIR pegado, levou vestido de zuarte azul matisado de branco; roga-se a quem em seu poder a tiver, ou lhe seja cometida para comprar, ou de transporte para fora desta Corte; haja de ter a bondade de avizar seu dono que mora na rua da Misericordia N. 83, e levando lha seja

⁵⁴ Antonio Carlos de Castro Toledo Junior, "História da varíola," *Revista Médica de Minas Gerais* 151 (fevereiro de 2004): 62.

⁵⁵ Orosa, *As rotas da varíola*, 49.

⁵⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 17 de janeiro de 1822, p.2, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

quem for; por este protesta não lhe fazer damno algum, e de prêmio se lhe dará doze mil e oitocentos rês.⁵⁷

De acordo com Myriam Bahia Lopes, a marca da imunização antivariólica é um símbolo da imunidade adquirida, visível nos números, mas também na pele.⁵⁸ Numa sociedade escravista como o Brasil, certamente ela adquiriu novos contornos. Como mencionei, apesar do sucesso da vacinação de 1810 a 1820, considerando o número de vacinados versus a população escravizada no Rio de Janeiro, a proporção de pessoas marcadas pela vacina era relativamente baixa.⁵⁹ Isso fazia com que a cicatriz deixada pela vacina se tornasse ainda mais relevante para identificação.

Já outros recortes parecem utilizar-se da expressiva quantidade de contaminados e marcados na cidade para facilitar a identificação de cativos fugitivos, evidenciando que eles não estavam marcados. Um trecho relativo a um escravizado fugido, publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 1824, menciona a fuga de uma criança, evidenciando que ela ainda não havia sido contaminada:

No dia Quarta feita de Trevas 14 de abril proximo passado, fugio ou dezen-caminhou-se huma pretinha buçal, de nação Cassangue, de 10 a 11 annos de idade, olhos vivos, beiços vermelhos, hum signal na fonte esquerda de hum loubinho que se lhe tirou, com hum vestido de chita azul com flores encarnadas, com hum fio de contas brancas no pescoço, bem feita de corpo, e magra, **ainda não teve bexigas**, e não falla ainda o Idioma Portuguez: quem della souber, e levar a casa da sua dona, moradora no largo da Constituição no sobrado junto à rua de S. Jorge (por cima de huma venda) cuja entrada he pela dita rua de S. Jorge receberá boas alviças.⁶⁰

Encontramos ainda recorte similar em um anúncio publicado no *Diario Mercantil*:

⁵⁷ *Diário do Rio de Janeiro*, 28 de agosto de 1824, p.4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁵⁸ Myriam Bahia Lopes, "O sentido da vacina ou quando o prever é um dever," *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 3, n. 1 (junho de 1996): 69.

⁵⁹ Orosa, *As rotas da varíola*, 58-59.

⁶⁰ *Diário do Rio de Janeiro*, 7 de maio de 1824, p.4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

No dia 28 de Agosto pelas 6 horas da tarde, vindo hum negro peça da India junto com o seu Sr. do Lazareto, cujo negro está **escapo de bexigas**, tem huma ferida no pé direito, com a marca BF junto, A no peito esquerdo, quem o achar ou d'elle souber e o levar a rua dos Pescadores n. 44, receberá boas alviçaras.⁶¹

Destaco aqui o quão relevantes e significativos esses anúncios se fazem para demonstrar o teor social que a doença mantém numa sociedade escravista. Mas também sua importância em evidenciar a incidência e presença constante da enfermidade na cidade.⁶² De maneira que se torna relevante mencionar escravizados não marcados.

Vemos ainda um outro tipo de anúncio, que novamente nos chama a atenção para a provável incidência da varíola na cidade. Alguns anúncios de venda passam a evidenciar que os cativos ainda não teriam sido contaminados, ou que já teriam sido e não portaram sequelas. O que demonstra como a enfermidade podia impactar o tráfico e a comercialização de escravos:

Vende-se hum moleque muito buçal, que terá 11 a 12 annos, **escapo de bexigas**, e sem defeito, quem o pertender procuro no fim da rua da Alfandega, nº 200, defronte de S. Gonçalo Garcia.⁶³

Quem tiver huma negrinha, ou crioulinha, de idade 2 para 3 annos, **livre de bexigas**, e de molestias, e a queira vender; declare por este Diario para ser procurado.⁶⁴

Quem quizer comprar hum moleque de Nação Angolla, **escapo de bexigas**, idade de 13 a 14 annos, muito sadio, e bem feito, podendo ser empregado em

⁶¹ *Diario Mercantil*, 30 de agosto de 1826, p.3, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁶² José Pereira Rego, *Esboço histórico das epidemias que têm grassado na cidade do Rio de Janeiro desde 1830 até 1870* (Rio de Janeiro: Diário Oficial do Império do Brazil, 1872).

⁶³ *Diário do Rio de Janeiro*, 17 de janeiro de 1822, p.2, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁶⁴ *Diário do Rio de Janeiro*, 7 de janeiro de 1830, p.2, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

qualquer serviço proprio a sua idade; quem o pertender dirija-se á rua dos Invalidos n. 104.⁶⁵

Quem quiser comprar hum muleque de Nação, de idade pouco mais ou menos de 12 annos, ladino que póde servir para page, ou para qualquer cousa que o quiserem, por ser muito habil, ee **já está escapo de bexigas** procure na rua da Valla nº32, entre a rua do Cano e a do Ouvidor lado esquerdo hindo para a Carioca, que lá achará com quem tratar.⁶⁶

Se nos outros anúncios as marcas da doença, ou até mesmo as marcas de vacinação, são usadas como identificadores, nesse outro tipo de recorte, o fato de escravizados já terem tido a doença, não tendo mais a possibilidade de serem contaminados, ou de ficarem deformados, é exaltado como uma qualidade de venda em potencial pelos traficantes. Do mesmo modo que são evidenciadas características físicas ou habilidades. Assim, é perceptível que os recortes e anúncios dos jornais demonstram que a varíola fazia parte do cotidiano carioca e da lógica escravista, se fazendo presente seja através das cicatrizes, da marca da vacina ou até mesmo por meio daqueles que dela escaparam. Estas foram, aliadas a outras características e adjetivos, utilizadas pelos anunciantes que melhor atendessem os seus objetivos: recuperar, vender ou comprar um cativo.

Entre a década de 1820 e 1830 ocorreriam ainda relevantes mudanças que implicariam em mudanças no sistema de vacinação. Como a constituição de 1824 e a lei de 1 de outubro de 1828, que demarcava o poder e atribuições das câmaras municipais. Assim, a Fisicatura-Mor, que controlava as artes de curar e os serviços atribuídos a ela, passou a ser de competência das câmaras municipais.⁶⁷ Já em 1831, a Junta Vacínica passou a ser conhecida como Junta Central de Vacinação.⁶⁸ No ano seguinte, a vacinação tornou-se obrigatória pela primeira vez através do código de posturas que previa a imunização das crianças, prevendo ainda multa de 6 réis em caso de não cumprimento.⁶⁹

⁶⁵ *Diario Mercantil*, 9 de março de 1827, nº 55, p. 3-4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁶⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 25 de junho de 1823, p. 2, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁶⁷ Fernandes, *Vacina Antivariólica: Ciência, Técnica e o Poder dos Homens*, 46.

⁶⁸ Gurgel, Rosa e Camercini, “História da medicina”, 59.

⁶⁹ Fernandes, *Vacina Antivariólica: Ciência, Técnica e o Poder dos Homens*, 47.

Apesar de a vacinação ter sido relativamente bem-sucedida se comparada ao período anterior, ela não teria sido o suficiente para acompanhar o ritmo de crescimento da população carioca.⁷⁰ A essa questão também se somou a crescente descrença na vacinação por parte da população.⁷¹ Além disso, a partir de 1831, com a proibição do tráfico de escravos, a vacinação dos cativos tornou-se ainda mais complexa.

A mudança de década demandou alterações devido ao avanço das epidemias de varíola e febre amarela. De acordo com Tania Maria Fernandes, as iniciativas tomadas a partir desse período “calcavam-se nos conhecimentos da higiene e atuavam diretamente no campo médico e não somente no exercício de fiscalização da medicina”.⁷² Em 1844, um edital estabeleceu novas exigências, determinando que crianças de até 3 meses deveriam ser levadas ao Instituto Vacínico para imunização. A multa passava a ser agora de 10\$000 réis para quem não se apresentasse, e ainda de 6\$000 réis para aqueles que não retornassem para retirada da linfa.⁷³ Em 1846, é regulamentada a criação da do Instituto Vacínico do Império, que lidaria com o processo da vacinação em novos contornos.⁷⁴

Apesar de todas essas mudanças, a varíola permaneceu na cidade, como apontado pelos relatos do físico José Pereira Rego (Barão de Lavradio) em sua obra *Esboço historico das epidemias que teem grassado na cidade do Rio de Janeiro desde 1830 até 1870*. Nela é mencionada a incidência das bexigas de maneira corriqueira na cidade, e o mesmo se repete nos anúncios dos jornais:

Hum mulato meio claro, de nome Adão, official de carpinteiro, idade 23 annos pouco mais ou menos, altura ordinaria, corpo e cara fina, pouca barba, **tem alguns signaes de bexigas**, cabello meio grenho, ee quando ri se faz duas covinhas no rosto, he bem feito de corpo e de pés, muito alegre, gosta da pinga, canta, e he mui convivente, ha anno e meio que fugio de S. Paulo de casa de seu Senhor o Sargento Mor José Fernandes da Silva, que promete 50\$, a quem o entregar na travessa da Candellaria, a José Manoel de Carvalho n.39,

⁷⁰ Chalhoub, *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, 130-131.

⁷¹ Soeiro Guarany, *Da vacinação e revacinação no Brasil: Memória apresentada à Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro*, *Gazeta Médica do Rio de Janeiro* 23 (1863): 273-275; Gurgel, Rosa e Camercini, “História da medicina”, 59.

⁷² Fernandes, *Vacina Antivarióllica: Ciência, Técnica e o Poder dos Homens*, 50.

⁷³ Acervo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, *Vacina: ofícios, pareceres, comunicações, medidas sobre a propaganda de vacinação, mapas, relações de pessoas vacinadas etc. (1832-1887)*, p. 98.

⁷⁴ Gurgel, Rosa e Camercini, “História da medicina”, 60.

que tem ordem de dar os 50\$, costuma andar o dito escravo pela praia de D. Manoel, aonde tem sido visto por pessoas de S. Paulo.⁷⁵

Fugiu no dia 13 do corrente, da rua da Boa Vista na Saude n.2, um escravo de nome José, Cabinda, estatura baixa, **muito picado de bexigas na cara**, barba crescida, olhos pretos, pés largos, idade pouco mais ou menos 50 annos, anda de certo ao ganho; recommenda-se aos Srs. pedestres a caputura, e a quem o levar á rua do numero acima será gratificado; assim como se protesta com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoitado.⁷⁶

Fugiu no dia 21 de fevereiro um preto de nome Lourenço, nação Moçambique de idade 40 annos, pouco mais ou menos, estatura baixa, **muito picado de bexigas**, nariz grosso, barba serrada, é um pouco gago, quando falla parece espantado, os olhos sempre olhando para um lado o outro, dizem ter embarcado no dia 22 para a Estrella e talvez de lá siga para Suruhy, donde foi escravo de uma fazenda; quem o levar á rua de S. José n. 12, 2º sobrado, será gratificado, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado.⁷⁷

Fugiu da casa á rua da Quitanda n 127, o escravo Manoel, cabra, idade 35 annos pouco mais ou menos, alto e **picado de bexigas**. Este escravo ou embarcou para fora ou existe em alguma casa, cosinhando talvez como forro, porque sabe ler e é muito capaz de iludir qualquer pessoa; gratifica-se generosamente a quem o apresentar na casa acima.⁷⁸

Fugiram da fazenda da Cachoeira, proximo á estação de Serraria, os dois seguintes escravos: [...] Albino, pardo escuro, cabellos crespos, de 30 annos de idade, estatura regular, magro, **rosto picado de bexigas**; é pedreiro e natural de Pernambuco. Estes escravos fugiram juntos e só levaram roupa fina deixando toda a do serviço da fazenda. Supõe-se que elles tomaram o trem da estrada de ferro D. Pedro II em Entre-Rios, quem os apprehender e levar á

⁷⁵ *Correio Mercantil*, 25 de janeiro de 1833, p. 3, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁷⁶ *Diario do Rio de Janeiro*, 21 de janeiro de 1846, p.4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁷⁷ *Correio Mercantil*, 4 de março de 1855, p.3, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁷⁸ *Diario do Rio de Janeiro*, 28 de dezembro de 1869, p. 3, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

fazenda acima a seu senhor, abaixo assignado, ou na Corte ao sr. Alfredo Barbosa da Motta, na rua Municipal n. 4, será bem gratificado. Serraria, 14 de agosto de 1878. - Antonio José Barbosa de Andrade.⁷⁹

200\$000 Dá-se a quem prender o preto Luiz, que continúa fugido, vai para dois annos, em os signaes seguintes: alto e magro, **picado de bexigas**, bem feito de corpo e muito docil no fallar, sabe ensinar remedios como curandeiro e tem maneiras agradaveis, faz-see de muito religioso; recebe se qualquer noticia e paga-se a quantia acima, na praça Onze de Junho n. 128.⁸⁰

Isso pode evidenciar, assim como faz a obra de Lavradio, que a doença se fazia frequente na cidade. Já que está se fez corriqueira nos anúncios sobre escravizados fugitivos nos periódicos cariocas entre as décadas de 1820 e 1880.

Conclusão

Ao longo deste artigo, foi possível analisar o impacto profundo que a varíola exerceu na sociedade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1820 e 1880, especialmente no contexto da escravidão. A doença, que deixava marcas visíveis e muitas vezes desfigurantes, não apenas afetava a saúde da população, mas também influenciava diretamente as dinâmicas sociais e econômicas da época. Através da análise de anúncios publicados em jornais cariocas, evidenciou-se como a varíola era uma preocupação constante, moldando práticas de identificação, comercialização e controle de escravizados.

A intensidade de casos pode ser diretamente relacionada à quantidade de pessoas marcadas pela doença. Na lógica escravista, essas marcas e cicatrizes foram utilizadas pelos senhores como melhor lhes cabia. No caso de escravizados fugitivos, vemos repetidamente essas marcas sendo utilizadas como meio de encontrar os cativos. Já no caso de vendas, a ausência de marcas e até mesmo os escravizados que haviam sobrevivido sem sequelas se apresentavam como uma qualidade comercial para os traficantes. A vacinação anti-variolica, introduzida no início do século XIX, também desempenhou um

⁷⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 21 de agosto de 1878, p. 4, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

⁸⁰ *Diário do Brasil*, 6 de novembro de 1884, p. 3, Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

papel significativo nesse cenário. A marca da vacina, visível nos braços dos vacinados, passou a ser outro elemento de identificação, evidenciando a complexa relação entre saúde pública e escravidão. Apesar dos esforços iniciais para promover a vacinação, a descrença da população e a negligência dos traficantes em relação à saúde dos escravizados limitaram a eficácia dessas campanhas. A varíola continuou a ser uma ameaça constante, mesmo com as mudanças no sistema de vacinação ao longo das décadas. Percebe-se assim que a moléstia apresentou intenso fator social, não só na determinação de políticas públicas para o seu combate, mas também, de certa maneira, se adequar aos interesses da lógica escravista.

A análise dos anúncios também permitiu compreender como a varíola transcendia o âmbito médico. A doença não apenas afetava os corpos, mas também influenciava as relações de poder, a economia escravista e as políticas públicas de saúde. A presença constante da enfermidade nos periódicos cariocas, seja através das cicatrizes, das marcas da vacina ou da menção àqueles que escaparam da doença, reforça a ideia de que a enfermidade era um elemento intrínseco ao cotidiano da cidade. Assim, este estudo demonstra que a varíola não foi apenas uma doença epidêmica, mas um fenômeno social que moldou práticas e relações no Rio de Janeiro oitocentista. Ao explorar as interconexões entre saúde, escravidão e sociedade, pretendeu-se contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas históricas que permearam a vida na cidade durante esse período. A varíola, com suas marcas físicas e sociais, deixou um legado que transcendeu sua erradicação, refletindo as complexidades de uma sociedade marcada pela desigualdade.

Referências

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Acervo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. *Vacina: ofícios, pareceres, comunicações, medidas sobre a propaganda de vacinação, mapas, relações de pessoas vacinadas etc. (1832-1887)*, p. 98. BRRJAGCRJ 50.3.52

Biblioteca Nacional – RJ / Hemeroteca Digital

Correio Mercantil, 25 de janeiro de 1833, p. 3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/709530/3341>> Acesso: 16 de abril de 2024.

Correio Mercantil, 4 de março de 1855, p.3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/10101>> Acesso: 16 de abril de 2024.

Diário do Brasil, 6 de novembro de 1884, p. 3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/225029/3694>> Acesso: 16 de abril de 2024.

Diário do Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1822, p.4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/1333. > Acesso: 9 maio de 2021.

Diário do Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1822, p.2. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/1367 > Acesso: 9 maio de 2021.

Diário do Rio de Janeiro, 25 de junho de 1823, p. 2. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/3089> Acesso: 15 de abril de 2024.

Diário do Rio de Janeiro, 7 de maio de 1824, p.4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/4093. Acesso: maio de 2021. > Acesso: 9 maio de 2021.

Diário do Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1824, p.4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/4454. > Acesso: 9 maio de 2021

Diário do Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1830, p.2. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/10827> Acesso: 15 de abril de 2024.

Diário do Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1846, p.4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/29488> Acesso: 15 de abril de 2024.

Diário do Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1869, p. 3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/25308> Acesso: 17 de abril de 2024.

Diário do Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1878, p. 4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/37623> Acesso: 17 de abril de 2024.

Diario Mercantil, vol 3, 2 de dezembro de 1824, p.1. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/706892/68> > Acesso: 9 maio de 2021.

Diario Mercantil, 30 de agosto de 1826, p.3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/706892/1652>> Acesso: 15 de abril de 2024.

Diario Mercantil, 9 de março de 1827, nº 55, p. 3-4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/706892/2271> > Acesso: 15 de abril de 2024.

Gazeta do Rio de Janeiro, nº73, 9 de setembro de 1812, p. 4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/749664/2202> > Acesso: 9 de maio de 2021.

Gazeta do Rio de Janeiro, 22 de julho de 1820, p. 3. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/749664/5992> Acesso: 8 maio de 2021.

Gazeta do Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1820, p.4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/749664/5767>> Acesso em: 28 de maio de 2021.

Jornal do Commercio, nº 126, 3 de março de 1828, p. 4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/364568_01/637 > Acesso: 9 maio de 2021.

O Volantim, nº 22, 30 de setembro de 1822, p. 4. Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/700410/101> > Acesso: 9 maio de 2021.

Obras Impressas

FREIREYSS, George W. "Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de São Paulo*, Volume XI. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1907.

GUARANY, Soeiro. *Da vacinação e revacinação no Brasil: Memória apresentada à Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro*. *Gazeta Médica do Rio de Janeiro* 23 (1863): 273-275.

REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que têm grassado na cidade do Rio de Janeiro desde 1830 até 1870*. Rio de Janeiro: Diário Oficial do Império do Brasil, 1872.

Bibliografia

ALDEN, Dauril, e Joseph Miller. "Out of Africa: The Slave Trade and the Transmission of Smallpox to Brazil." *Journal of Interdisciplinary History* 18, no. 2 (1987): 195-224.

ANZOLIN, André Soares. "Entre mortes e lembranças: Notas sobre as reações dos Tupi à pandemia de varíola de 1562-64." *Revista Latino-Americana de História* 3 (2015): 21-36.

ANZOLIN, André Soares. "As doenças como exempla: epidemias e mortes nas cartas do jesuíta José de Anchieta." *Cadernos de História* 17, no. 27 (30 outubro 2016): 274-88.

CAMPOS, Ernesto de Souza. "Considerações sobre a ocorrência da varíola e vacina no Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX: vistas sobre a luz de documentação coeva." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 231 (abril-junho 1956).

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CROSBY, Alfred W. "Smallpox." In *The Cambridge World History of Human Disease*, edited by Kenneth F. Kiple, 1008-1013. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FERREIRA, Heloisa Souza. Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849-1888). *Temporalidades*, v. 2, p. 67-75, 2010.

FERNANDES, Tania Maria. *Vacina Antivariólica: Ciência, Técnica e o Poder dos Homens, 1808-1920*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

FERNANDES, Tania Maria. "Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 10, supl. 2 (2003): 461–474.

FERREIRA, Heloisa Souza. "Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849-1888)." *Temporalidades* 2 (2010): 67-75.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. *Vende-se, aluga-se, negocia-se: uma análise dos anúncios e avisos da gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin. *Doenças e Curas. O Brasil nos Primeiros Séculos*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin, Camila Andrade Pereira da Rosa e Taise Fernandes Camercini. "História da medicina: A Varíola nos tempos de Dom Pedro II." *Cadernos de História da Ciência* 7, nº 1 (maio 2019): 55–69.

HONORATO, Cláudio de Paula. *Valongo: O Mercado de Almas da Praça Carioca*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

LI, Yu, Darin S. Carroll, Shea N. Gardner, Matthew C. Walsh, Elizabeth A. Vitalis, and Inger K. Damon. "On the Origin of Smallpox: Correlating Variola Phylogenies with Historical Smallpox Records." *Proceedings of the National Academy of Sciences* 104, no. 40 (October 2, 2007): 15787–15792.

LOPES, Myriam Bahia. "O sentido da vacina ou quando o prever é um dever." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 3, n. 1 (junho de 1996): 65-79.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A "Gazeta do Rio de Janeiro" e o impacto na circulação de idéias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

OROSA, P. R. *As rotas da varíola: perspectivas sociais da disseminação da varíola e do serviço de vacinação no Rio de Janeiro imperial (1830-1880)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

OROSA, P. R. *Caminhos da cura: epidemias de varíola na América Portuguesa (1560-1750)*. Jundiaí, São Paulo: Paco, 2024.

PIMENTA, Tânia Salgado, Keith Barbosa e Kaori Kodama. "A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia." *Dimensões* 34 (2015): 145–183.

PORTUGAL, Fillipe dos Santos. "A vacina antivariólica na Corte do Rio de Janeiro (1804-1820)." In *15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, trabalhos completos*, 2016.

RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1971.

ROSENBERG, Charles. "Framing Disease: Illness, Society and History." In *Explaining Epidemics and Other Studies in the History of Medicine*, 305-311. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. "A varíola no Brasil do século XIX." In *Uma história brasileira das doenças: Volume 4*, organizado por Franco Pimentel, Dilene Raimundo do Nascimento e Ethel Leonor Noia Maciel, 51-68. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

SCHATZMAYR, Hermann G. "A varíola, uma antiga inimiga." *Cadernos de Saúde Pública* 17, n. 6 (dezembro de 2001): 1525-1530.

SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de, Adauto J. G. Araujo e Luiz Fernando Ferreira. "Paleopatologia e Paleoepidemiologia: O Estudo da Doença em Populações Pré-Históricas Brasileiras." In *Saúde e Povos Indígenas*, organizado por R. V. Santos e C.E.A. Coimbra Jr., 21-42. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

SNOWDEN, Frank M. *Epidemics and Society: From the Black Death to the Present*. United States of America: Yale University Press, 2019.

TOLEDO Junior, Antonio Carlos de Castro. "História da varíola." *Revista Médica de Minas Gerais* 151 (fevereiro de 2004): 58-65.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca, 2012.

Recebido em 15 de julho de 2024
Aprovado em 09 de abril de 2025